

PAULO FRANCHETTI

CRISE EM CRISE

NOTAS SOBRE POESIA E CRÍTICA
NO BRASIL CONTEMPORÂNEO




Ateliê Editorial

SUMÁRIO

Um Trabalho de Desmonte: Inexequível, mas Razoável – <i>Oswaldo Manuel Silvestre</i>	9
1. <i>Do Autor</i>	9
2. <i>Do Livro</i>	12

I. SOBRE POESIA

1. Sobre o <i>Poema Sujo</i> , de Gullar	27
2. Ferreira Gullar: Notas Sobre Heroísmo	31
3. Na Beira do Andaime	49
4. O “ <i>Poema-Cocteil</i> ” e a Inteligência Fatigada	57
5. Funções e Disfunções da <i>Máquina do Mundo</i>	61
6. No Ar	67
7. A Górgona do Sentido	71
8. Humor/Amor/Horror	79
9. Caso Exemplar: A Poesia de Marcelo Tápia	83

II. SOBRE CRÍTICA DE POESIA

10. Drummond: A Pedra no Meio do Caminho	103
11. Cassiano Ricardo Ainda Espera uma Releitura	109

12. Literatura Literária.....	113
13. Leminski Revisitado.....	117
14. Crise de Verso.....	121
15. A Crise em Crise.....	135
16. Anotações Sobre Alguma Poesia.....	151
17. Notas Sobre Poesia e Crítica de Poesia.....	167
18. Considerações Sobre Crítica de Poesia Contemporânea.....	179
19. Poesia Contemporânea e Crítica de Poesia.....	189
20. Poesia em Tempo e em Espaços Digitais.....	203
Referências Bibliográficas.....	219
Índice Onomástico.....	223



UM TRABALHO DE DESMONTE INEXEQUÍVEL, MAS RAZOÁVEL

OSVALDO MANUEL SILVESTRE
Universidade de Coimbra

1. DO AUTOR

NA VASTA OBRA DO CRÍTICO e professor universitário Paulo Franchetti, a poesia ocupa um lugar que o leitor interessado facilmente reconhece como central. Longe de configurar dedicação exclusiva, já que Paulo Franchetti ocupou boa parte da sua atenção com a ficção, e em particular com o romance oitocentista, a poesia preencheu desde logo as exigências de carreira académica com que o autor se confrontou, tendo dedicado à poesia concreta a sua tese de mestrado e à obra do poeta português Camilo Pessanha a sua tese de doutorado. Em ambos os casos, as obras resultantes marcaram o campo de estudos, quer se trate do livro *Alguns Aspectos da Teoria da Poesia Concreta* (1989), ainda hoje de leitura obrigatória para qualquer estudioso do Concretismo, quer se trate da edição crítica da *Clepsidra* (1995), de Camilo Pessanha, que abalou nos seus fundamentos a mitologia poética que acompanhava, como uma fatalidade, o rastro aurático do poeta, e que a acribia filológica de Franchetti reduziu às suas devidas proporções (o que lhe valeu um significativo cortejo de desafetos, em Portugal e não apenas). Estes dois trabalhos maiores ajudam-nos ainda a delinear o perfil de um autor que não hesita perante o estudo, então pioneiro na universidade, da poética de uma vanguarda tão

epocal e internacional como o Concretismo – mas recua no tempo para se dedicar à pesquisa, minuciosa, quase detectivesca, mas sempre amorosa, dos pressupostos filológicos de uma das poesias maiores do idioma, ainda que quantitativamente escassa, na sua outra margem atlântica e europeia. Como o título do seu livro de 2007, *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*, indica, Paulo Franchetti é um estudioso dessas duas literaturas em português, num âmbito temporal que é basicamente o dos séculos XIX e XX, ou seja, o da modernidade literária, tal como o Romantismo a definiu inicial e duradouramente. No caso português, a sua atenção concentrou-se em particular em autores como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Oliveira Martins, o já referido Camilo Pessanha, o Fernando Pessoa da *Mensagem*, entre outros. No caso brasileiro, assinala-se a sua longa dedicação ao Romantismo, bem como ao arco que vai do Romantismo ao Simbolismo, de que é grande conhecedor, o que poderia ser demonstrado por duas obras de referência: a antologia *As Aves que Aqui Gorjeiam: A Poesia do Romantismo ao Simbolismo*, editada em Portugal em 2005 no âmbito da coleção Curso Breve de Literatura Brasileira, coordenada por Abel Barros Baptista para os Livros Cotovia, em rigor sem igual no Brasil; a edição de *Iracema*, de José de Alencar, em 2007, na coleção Clássicos Ateliê, edição paradigmática do que é revisitar um clássico, combinando atenção à letra do texto (e seus paratextos), recuperação do contexto e releitura *forte*, permitindo-nos reconquistar a obra na sua intensa, e insuspeitada, modernidade. Se acrescentarmos a isto o seu longo convívio com o realismo oitocentista brasileiro, mas em particular com a obra de Machado de Assis, patente em vários ensaios e na sua edição anotada de *Dom Casmurro*, o quadro da obra de Franchetti fica satisfatoriamente traçado, nas suas linhas gerais.

O quadro não deixa de ser curioso, pois por um lado parece aceitar alguns dos pressupostos fundacionais que os estudos literários brasileiros herdaram de Antonio Candido, já que não recua para lá do Romantismo, ou seja, para lá daquele momento em que a questão da autonomia da literatura brasileira é formulada explicitamente, aceitando que o que fica para trás do sistema *em formação* são “manifestações literárias” pouco pertinentes para uma ideia de Literatura Brasileira. Por outro lado, este

pressuposto candiano é questionado pela sua dedicação ao estudo não apenas da literatura brasileira mas também da portuguesa, o que significa que Franchetti não subscreve o desinteresse dos estudos literários brasileiros contemporâneos pela literatura portuguesa, com a significativa ressalva de Fernando Pessoa, na sequência da tese de Candido segundo a qual com o modernismo o desinteresse da literatura brasileira pela portuguesa se tornou total e irrevogável¹. Esta questão, que poderá parecer pouco pertinente para a consideração deste novo livro do autor, inteiramente dedicado a matéria brasileira, e que aqui tentarei apresentar, não o é assim tanto, pois creio que um certo cunho, aparentemente extraterritorial, da visada crítica que Franchetti lança sobre o panorama da poesia brasileira de hoje, resulta essencialmente de dois aspetos: por um lado, o fato de o seu enorme domínio do legado poético brasileiro conjugar tradição (do Romantismo ao Simbolismo, sem descurar as muitas faces do Parnasianismo) com vanguarda – e posso dar testemunho do privilégio que é ler poemas concretos com Franchetti ao lado – mas sem outorgar à vanguarda um poder decisionista quanto ao valor da produção poética passada ou presente; por outro lado, o fato de Franchetti dominar também o devir da poesia portuguesa moderna, de Antero de Quental e Pessanha a Pessoa e depois, o que lhe permite uma perspetiva comparada, dentro do idioma, pouco sensível aos *Diktats* mais ou menos teleológicos herdados quer do modernismo de 22 quer da neovanguarda concretista. Finalmente, creio que estes dois aspetos são ainda reforçados pela competência do autor na poesia oriental, em particular na produção japonesa de Haikai, competência essa que intensifica o seu desinvestimento numa perspetiva estritamente brasileira, e ocidental, da evolução da poesia, bem como pelo seu domínio da história e teoria da versificação, muitas vezes convocada em apoio de leituras e posicionamentos críticos, que têm, também por isso, uma componente técnica, e formativa, ao alcance de poucos.

1. Chamo a atenção, a este respeito, para o texto fundamental com que Franchetti interveio na polémica sobre a reforma curricular do ensino da literatura brasileira e portuguesa, em 2002, com o título “O Cânone em Língua Portuguesa – Algumas Reflexões Sobre o Ensino de Literatura Brasileira e Portuguesa no Brasil”, no qual advoga a substituição dessas duas disciplinas por uma só, com o título “Literatura de Língua Portuguesa”, proposta que subscreveria sem hesitação para Portugal.

2. DO LIVRO

Num certo momento de 2018, numa das suas estadas para lecionar cursos intensivos na Universidade de Coimbra, e em particular no seu Instituto de Estudos Brasileiros, Paulo Franchetti solicitou a minha ajuda para tentar extrair de um conjunto de textos seus de há alguns anos um ou mais livros. Melhor seria dizer que o autor me propôs um *puzzle* de que parecia ter então desistido. Lidos os textos, não me pareceu, contudo, difícil extrair deles o livro que rapidamente ganhou a forma que viria a ser a deste, tal a coerência e coesão de pensamento que anima a escrita de Franchetti sobre a poesia brasileira contemporânea. Dos dois títulos que propus, a escolha acabou por recair, com alguma naturalidade, sobre *Crise em Crise*, ainda que o subtítulo decida pela modéstia e informalismo de uma contribuição que está longe de se resumir a umas “notas”, já que o que aqui está em pauta é de fato uma operação sistemática, histórica e teoricamente informada, de *desmonte* da doxa poética e poetológica brasileira posterior ao Concretismo. Um dos aspetos que, justamente, mais ressaltam da leitura destes textos é que, embora eles se repartam por dois géneros dominantes – a resenha e o ensaio – com uma extensão até ao depoimento (no texto de abertura, sobre Ferreira Gullar), e embora todos eles sejam suscitados por circunstâncias jornalísticas ou académicas muito particulares, tal não obsta a que o fio do pensamento do autor seja sempre reconhecível e facilmente acompanhável nos seus meandros e derivações.

As balizas cronológicas desta coletânea de resenhas e ensaios são também facilmente demarcáveis, oscilando entre tentativas de releitura crítica de figuras do modernismo como Carlos Drummond de Andrade e Cassiano Ricardo e consequências do império teórico e programático da poesia concreta sobre a poesia brasileira posterior. Que Franchetti considere falhadas as tentativas de releitura dos modernistas e nefastas as consequências da poesia concreta, é o que neste momento me parece ser menos interessante do que reconhecer que o quadro histórico que assim se reconstitui não coloca em causa a centralidade quer do modernismo de 22, quer da poesia concreta, no devir da poesia brasileira novecentista.

Não se trata, pois, de iconoclastia, mas sim, em rigor, de revisionismo crítico, numa tentativa para recolocar os dados de base da modernidade brasileira, tentando ultrapassar os seus bloqueios que seriam, ainda e sempre, resultantes do imperativo de ser *absolutamente moderno*. Esse imperativo, no juízo de Franchetti, funcionaria já por inércia, em relação aos paradigmas de 22, no caso de Francisco Alvim, que é apresentado como emblema de uma cristalização de procedimentos que não respondem já à necessidade histórica e estética com que se manifestam, exemplarmente, em Drummond. E, no caso da radicalização daquele imperativo ocorrido com a poesia concreta, o que Franchetti propõe é um paradigma alternativo, que seria o da poesia de Ferreira Gullar, autor cujo compromisso com a ideia de vanguarda, concreta ou neoconcreta, foi significativo, antes de se tornar um crítico da articulação entre vanguarda e subdesenvolvimento, sem contudo abandonar um horizonte de referência moderno. As duas posições foram, e são, polêmicas. No primeiro caso, quando Franchetti aponta à poesia de Alvim “a intenção de alegorizar o país”, chamando a atenção para o fato de haver “quem consiga propor com alguma repercussão crítica esses enunciados banais”, é claro que, sem o nomear, tem em mente a hermenêutica de Roberto Schwarz, autor que não deixaria de descer à liça em defesa do poeta de *Elefante*, o mesmo é dizer, em defesa do alcance ainda crítico do programa modernista, revisitado embora pela distensão formal e programática da Poesia Marginal. No caso de Gullar, o gráfico da sua recepção pública, oscilando entre o “poeta-bardo, que vive a poesia junto com o social e o social pela poesia, e que fala para a comunidade em nome da comunidade”, o que teria ocorrido com a publicação do *Poema Sujo*, em 1976, e o quase silêncio que rodeou a sua morte, em virtude dos ataques ferozes que o autor, nos seus anos derradeiros, lançou aos governos do PT – não colocando em causa a grandeza da sua obra, atribui-lhe porém um papel de “pária” da poesia e da intelectualidade brasileira contemporânea que torna ainda mais difícil o reinvestimento proposto por Franchetti.

Uma forma de condensar as posições, historiográficas e críticas, de Franchetti, poderia consistir em recordar a sua tese central, segundo a qual “o Modernismo vai se tornando cada vez mais uma velha experiên-